

## DO MITO AOS MITOS IRRECICLÁVEIS: REFLEXÕES

ANA MARIA MARQUES DA COSTA PEREIRA LOPES \*

No Dicionário da Língua Portuguesa encontramos as seguintes definições de mito: narrativa fabulosa de origem popular; relato das proezas de deuses ou de heróis, susceptível de dar uma explicação do real satisfatória para um espírito primitivo; alegoria, etc. O Dicionário esclarece ainda que a palavra mito provém do grego *mýthos*, que significa palavra expressa, dando mais tarde origem à palavra latina *mythu*, que significa fábula.

Nenhuma das definições anteriores parece convincente no contexto da sociedade pós-industrial, pós-capitalista, pós-moderna, pós-humana(?) em que vivemos.

Assim, e porque esta matéria me interessa, tanto em termos pessoais, como académicos, centro-me em obras que abordem a temática com maior acuidade.

Começo com um nome que dispensa apresentações: Mircea Eliade (quem não conhece *O Mito do Eterno Retorno*?)

Porém, também a sua visão poderá parecer pouco esclarecedora no que toca aos mitos que a sociedade contemporânea tem vindo a privilegiar.

Eliade afirma, por exemplo, que a imaginação colectiva se continua a alimentar dos mitos e teologias arcaicas<sup>1</sup> e ainda que o homem sem imaginação está cortado da vida e da sua própria alma<sup>2</sup>.

Ora, se pedíssemos ao jovem comum para definir o conceito de alma, certamente que obteríamos respostas díspares em função da amostragem que tivéssemos seleccionado mas, muito provavelmente, grande parte destas seria destituída precisamente de uma das características que Eliade considera fundamentais para que o homem possa fruir de uma vida agradável: a imaginação.

(Não pretendo, obviamente afirmar, de forma leviana, que nenhum jovem é dotado de poder imaginativo mas apenas que o contexto em que se movimentam é pouco propício ao desabrochar dessa qualidade)

Mas, e prosseguindo com a pesquisa em torno da questão do mito, procuro em outros autores: Jung, Lévi- Strauss, Tylor, Chase, Fiske, Cassirer, Frazer, Campbell, entre outros.

---

\* Professora Adjunta da Área Científica de Inglês da ESEV.

<sup>1</sup> Eliade, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes Editores, 2002, p. 15.

<sup>2</sup> Op. cit., p. 16.

Embora metodologicamente os percursos seguidos por estes estudiosos sejam diferentes, existe todavia unanimidade no que toca aos seguintes pressupostos:

1 - Nenhum destes autores nega que *A Ilíada* ou *A Odisseia* sejam paradigmáticas quanto a esta matéria, e, tanto Freud como Jung recorrem a personagens da mitologia greco-latina para protagonizarem algumas das teses que propugnam;<sup>3</sup>

2 - Do ponto de vista da sua tipologia,<sup>4</sup> os mitos podem ser:

2.1. – Teológicos - quando constituem narrativas sobre os deuses;

2.2. – Cosmogónicos - quando respeitam à Criação do Mundo (no princípio era o Verbo, como se lê no Evangelho segundo S. João, em consonância com a descrição contida no livro do Génesis - se nos ativermos apenas à teologia/mitologia cristã)

2.3. – Culturais - quando se centram sobre as actividades dos heróis que, tal como Prometeu, quiseram melhorar as condições de vida dos homens;

2.4. – Escatológicos - quando oferecem visões do fim do mundo e do Além;

2.5. – Soteriológicos - quando dizem respeito aos rituais de iniciação e/ou magia, de que o mito de Orfeu constitui, sem dúvida, um bom exemplo.

3 - O mito, incrustado como está na linguagem humana, é apenas actualizável através do discurso, ou seja, para que se conheça, o mito tem de ser narrado, ou contado. Assim, se na linguística saussurena encontramos uma distinção entre *langue* e *parole*, na linguagem mitológica, por sua vez, *langue* e *parole* intersectam-se :

3.1. - O significado do mito apenas é acessível quando o mito é analisado na sua globalidade, ou seja, os vários elementos que constituem o mito, se dissociados, obstaculizam a produção de sentido;

3.2. - A linguagem do mito é simbólica, alegórica e metafórica.

Os pressupostos acima enunciados suscitam-me as seguintes reflexões:

<sup>3</sup> cf. por exemplo o complexo de Édipo ou o mito de Sísifo, etc.

<sup>4</sup> Cf. Jabouille, Victor. *Do Mythos ao Mito*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.

- É possível (re) conciliar a pós-modernidade • assente numa plataforma de desenvolvimento tecnológico e científico avançados • com o conceito de mito, inventado por homens primitivos que atribuíam a deuses, fadas, monstros ou a outros seres fantásticos ou sobrenaturais a autoria de fenómenos inexplicáveis à luz da ciência rudimentar e incipiente de que dispunham?
- Será que corremos o risco de assistir ao esboroamento de mitos que são património universal?

No que se refere à primeira questão, parece-me que a resposta é obviamente afirmativa, como tem sido sobejamente provado, quer por filósofos racionalistas, desde Sócrates ou Platão a Descartes - sem descurar o próprio St<sup>o</sup> Agostinho - quer, mais recentemente, por homens da Física, como Fritjof Capra<sup>5</sup> por exemplo, ou filósofos da Ciência, como Gaston Bachelard<sup>6</sup>.

Nesta decorrência, e passando à segunda questão, também me parece pouco provável que a Mitologia não seja imune à passagem do tempo.

Tal como os cientistas, também o homem comum terá inevitavelmente de caminhar para o *ponto de viragem*, em que a caixa de Pandora se abrirá, estilhaçando os mitos à la Harry Potter, Rambo, Senhora do Destino ou Quinta das Celebidades.<sup>7</sup>

Se, como escreveu Kierkegaard “ a multidão é a falsidade”<sup>8</sup>, atrevamo-nos a proclamar, em sintonia com José Régio “ (...) não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí.”<sup>9</sup>.

Qual Fénix renascida das cinzas, a linguagem resgatará então todo o seu antigo fulgor, todo o *fogo ardente* que várias décadas de “fast food” televisivo e 2 ou 3 décadas de “ditadura informática”<sup>10</sup> terão esmaecido mas não lograram extinguir.

---

<sup>5</sup> Cf. *The Tao of Physics* ou *The Turning Point*

<sup>6</sup> Cf. *A Psicanálise do Fogo*.

<sup>7</sup> Não deixem de ler Roland Barthes. *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, 1997.

<sup>8</sup> Cf. Gaarder, Jostein. *O Mundo de Sofia*. Lisboa: Editorial Presença, 2000, p.338.

<sup>9</sup> Régio, José “Cântico Negro”.

<sup>10</sup> A informática veio obviamente melhorar, em muitos aspectos, o processo de comunicação, não só quando este se restringe a dois interlocutores, como também quando ocorre à escala planetária. Porém, é minha convicção de que a celeridade que lhe subjaz não se compadece com a morosidade que um texto prolixo do ponto de vista alegórico e metafórico necessariamente pressupõe.